

■ NACIONAL

Economia volta a crescer em 2000, dizem analistas

Para o próximo ano, segundo projeções de economistas, o Produto Interno Bruto do País deve apresentar queda de até 3%

Teresa Navarro, Vicente Nunes e

Jorge Ferreira
de São Paulo e Brasília

Os economistas apostam no bom desempenho do Programa de Estabilização Fiscal e na manutenção da atual política cambial para traçar o cenário macroeconômico do País nos próximos três a quatro anos. Os estudos apresentados para seus clientes no Brasil e no exterior apontam para a recessão, desemprego, juros altos e um resultado ainda ruim nas contas públicas no próximo ano. Mas todos acreditam em uma retomada do crescimento a partir do ano 2000.

A combinação da taxa de juros ainda elevada, entre 19% e 20%, com o aumento de impostos deve resultar em um Produto Interno Bruto (PIB) negativo em 1999, com variação entre -3% a 0,5% (ver quadro ao lado). “A retomada do crescimento econômico só tende a acontecer em 2000, mas a partir do final do próximo ano o nível de atividade pode melhorar em razão da queda dos juros e dos resultados do ajuste fiscal”, diz Carlos Kawall, economista do Citibank. O banco projeta PIB de -1,5% no próximo ano.

Mesmo os mais otimistas prevêem crescimento próximo de zero em 1999. A consultoria Macrométrica prevê crescimento de 0,5% para o próximo ano. O economista Estêvão Kopschitz, da Macrométrica, diz que sua estimativa é uma das mais otimistas, mas compara a situação atual com o pacote do final do ano passado. Os juros também foram elevados e, mesmo assim, no primeiro trimestre deste ano o PIB cresceu 0,9% em relação ao mesmo período de 1997, chegando a 1,5% no segundo trimestre.

Apesar de os economistas acreditarem que o governo deve conseguir implementar boa parte do Programa de Estabilização Fiscal, as projeções ainda apontam para déficits relativamente altos, variando de -4% a -6% do PIB, no conceito nominal, que inclui as despesas com juros. No conceito primário, sem juros, que mostra o esforço do governo em equilibrar as suas contas, as projeções são de superávit de 2% a 2,6% do PIB. “O problema é que os juros, mantendo-se elevados, consomem todo o sacrifício fiscal”, diz Odair Abate, do Lloyds Bank.

O governo estima um déficit no-

Cenários											
Projeções dos bancos para a economia brasileira											
Varáveis	Lloyds				Citibank				Chase		
	1999	2000	2001	2002	1999	2000	2001	2002	1999	2000	2001
PIB (%)	-1	3,5 a 4	4 a 5	4 a 5	-1,5	2	3	3	-3	3,5	4
Desvalorização do real (%)	7,5	4 a 4,5	3,5	2,5 a 3	-	-	-	-	7	6	6
Taxa de juros (%)	19 a 20	13 a 14	12 a 13	11 a 12	19	16	12	12	20	16	12
Inflação (%)	1	2	2	1,5	-1	1	2,5	2,5	-2	2	1,5
Balança comercial (bilhões de US\$)	0 a -1	-4 a -5	-5 a -6	-4 a -5	-0,37	1,3	1,9	2,6	-	-	-
Reservas (bilhões de US\$)	48	54	59	60	40	41	46	48	-	-	-
Resultado fiscal nominal (% do PIB)	-4 a -4,5	-3 a -3,5	-2,5 a -3	-2,5	-4,2	-2,9	-2,3	-	-6	-4,5	-2,3

Fonte: Bancos

minal para 1999 de 4% do PIB, com juros médios de 22%. Segundo Abate, ou o governo está superestimando a taxa de juros ou está subestimando o déficit. O banco prevê déficit nominal de 4% a 4,5%, mas com juros médios de 19%, fechando o ano com 16%.

Os juros também são vistos pelos economistas do Chase Manhattan Bank como o principal entrave para a melhora das contas públicas. Um

estudo realizado pelo banco considera que se o Brasil realmente fizer o ajuste fiscal, poderá baixar mais os juros. Caso contrário, não conseguirá o equilíbrio das contas. O ciclo é vicioso. O banco aposta na queda dos juros para estabilizar a dívida pública, que terá um salto de R\$ 355 bilhões, neste ano, para R\$ 387,4 bilhões em 1999. O banco estima que, nesse período, a relação entre a dívida pública e o PIB passará de

38,6% para 44,3%, estabilizando-se até 2001. Os gastos com juros da dívida também subirão de 1998 para o ano que vem, de R\$ 61,6 bilhões para R\$ 75,1 bilhões, caindo para R\$ 67,4 bilhões em 2000 e para R\$ 51,9 bilhões no ano seguinte.

Outro fator que depende do comportamento do ajuste fiscal é a manutenção das reservas internacionais. A credibilidade — traduzida na capacidade de o País rolar suas

dívidas — é fundamental para que as reservas não sejam consumidas em pouco tempo. As previsões não são pessimistas, mas as mais otimistas apostam que só em 2002 o Brasil irá retomar os US\$ 60 bilhões de 1996. Para o ano que vem, as previsões oscilam entre US\$ 40 bilhões a US\$ 48 bilhões. “As saídas são basicamente os vencimentos de papéis no exterior. Como as entradas de recurso, em forma de investimentos, serão pequenas, a única saída para manter as reservas é aumentar a rolagem da dívida”, diz Kawall.

As projeções para a variação dos preços são as que mais destoam: vão desde deflação de 2% à inflação de 1%. A deflação é explicada pelo fato de a atividade econômica apontar para a recessão: sem demanda não existiria pressão pelo aumento de preços. A hipótese de inflação é sustentada pelo aumento de impostos, que seria repassado para os preços.

A partir do ano 2000, no entanto, a situação voltaria ao normal e as projeções também voltam a bater: a inflação poderia manter-se em níveis baixos, variando de 1% a 2% ao ano. “O maior risco de deflação é mesmo no próximo ano”, diz Abate.